

Avaliação dos níveis de ansiedade gerados pela Covid-19 entre estudantes de medicina de uma universidade do sul de Santa Catarina

Carlos Henrique Dacoregio Perin¹; Eduardo Branco², Dra. Thais Cereser Vilela³ (orientadora)

1-Acadêmico de medicina; carloshenriqueperin@gmail.com

2-Acadêmico de medicina; dudubranco8@gmail.com

3-Doutora em Ciências da Saúde; vilelacthais@gmail.com

Resumo:

Este estudo teve como objetivo avaliar os efeitos da pandemia de COVID-19 nos níveis de ansiedade entre os estudantes de medicina de uma Universidade do Sul de Santa Catarina. A pesquisa foi conduzida através de um questionário online, respondido por 375 participantes, a maioria do sexo feminino, com uma média de idade de 23,35 anos. Os resultados revelaram a prevalência de sintomas de ansiedade, tais como tremores, sudorese, dificuldade respiratória e medo de perda de controle. A análise indicou que a maioria dos estudantes experimentou sintomas de ansiedade de intensidade leve a moderada, o que impactou negativamente a qualidade de vida. Concluindo-se, que a pandemia da COVID-19 desencadeou um considerável aumento nos níveis de ansiedade dentro da população de estudantes de medicina. Este estudo ressalta a importância de intervenções de suporte psicológico e emocional para os estudantes durante períodos de crise de saúde pública.

Introdução:

A pandemia de COVID-19, desencadeada pelo surgimento do novo coronavírus SARS-COV-2 em Wuhan, China, em janeiro de 2020, teve um impacto devastador em escala global. Inicialmente, a propagação rápida do vírus resultou em milhares de casos e fatalidades na China, antes de se espalhar para países como Itália, Estados Unidos e Brasil. No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em fevereiro de 2020, e desde então, o país enfrentou uma série de restrições e medidas de quarentena para conter a propagação do vírus. No entanto, essas restrições não foram uniformes, variando de acordo com a situação pandêmica em diferentes regiões.

Apesar das medidas adotadas, a pandemia afetou profundamente a saúde mental e o bem-estar das pessoas em todo o mundo, levando a um aumento preocupante nos casos de transtornos de ansiedade e depressão. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), dados de março de 2022 indicaram um aumento de 25% na prevalência global de ansiedade e depressão no primeiro ano da pandemia, afetando especialmente os jovens e as mulheres. Aqueles com condições de saúde pré-existent também enfrentaram um risco aumentado de desenvolver problemas de saúde mental.

Além dos impactos na saúde mental, a pandemia teve efeitos significativos no setor educacional, com a interrupção abrupta das aulas presenciais e transição para o ensino remoto. Estudantes em todo o mundo relataram uma deterioração na qualidade de sua experiência educacional e expressaram preocupações sobre o impacto de longo prazo em suas perspectivas de emprego. No Brasil, em particular, a pesquisa "Global Student Survey" revelou que a saúde mental dos estudantes foi adversamente afetada, com a maioria relatando dificuldades durante o período da pandemia.

Considerando as rápidas mudanças e interrupções enfrentadas pelos estudantes universitários, é fundamental compreender as implicações psicológicas dessas circunstâncias. No entanto, a escassez de estudos que abordam especificamente o impacto da pandemia no estado de Santa Catarina, e mais especificamente no município de Tubarão, destaca a necessidade de uma investigação mais aprofundada.

Com base nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo avaliar os níveis de ansiedade entre os estudantes de medicina de uma universidade do sul de Santa Catarina, proporcionando uma compreensão mais clara dos efeitos psicológicos da pandemia nessa população específica. A análise desses resultados pode fornecer informações valiosas para o desenvolvimento de políticas públicas e intervenções que visem abordar as necessidades de saúde mental dos estudantes universitários, particularmente durante períodos de crise e mudança significativa.

Palavras-chave: Ansiedade, Covid-19, estudantes.

Metodologia:

Estudo epidemiológico com delineamento observacional, do tipo transversal analítico. A população em estudo foi composta pelos acadêmicos do curso de medicina de uma universidade no Sul de Santa Catarina, regularmente matriculados entre o primeiro e décimo segundo semestre do ano de 2022. Foram incluídos na pesquisa todos os acadêmicos que atenderem aos critérios de inclusão estabelecidos. São eles: a) Estar regularmente matriculado no curso de medicina universidade em pesquisa; b) Ter idade ≥ 18 anos; c) Ambos os sexos; d) Concordar em participar da pesquisa por meio do aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) online. Foram excluídas todas as respostas cujos formulários se apresentem com preenchimento incompleto de alguma variável.

A coleta de dados foi realizada online pelo aluno pesquisador, devidamente capacitado e registrado no projeto de pesquisa via CEP. Os dados foram coletados de forma segura, por meio de um questionário previamente elaborado na plataforma do Google Forms, contendo dados sociodemográficos juntamente ao questionário de ansiedade de Beck- Bai, criado pelo psiquiatra

norte-americano Aaron Beck, que lista os principais sinais e sintomas do transtorno ansioso, como nervosismo, sudorese e palpitação, e os divide em leve, moderado ou grave a fim de relatar a severidade desse transtorno nos pacientes.

Para descrição dos dados foram utilizadas medidas de tendência central e de dispersão, para variáveis quantitativas e porcentagens para variáveis qualitativas.

Resultados e Discussões:

Foram coletadas um total de 375 respostas de alunos pertencentes da 1ª à 12ª fase, incluindo ambos os sexos. Observou-se uma predominância de respostas fornecidas pelo sexo feminino. As idades dos participantes variaram entre 17 e 55 anos, sendo que a moda foi de 21 anos e a média foi de 23,35 anos.

Tabela 1. Inventário da Ansiedade de Beck durante a pandemia da COVID-19

INVENTÁRIO DA ANSIEDADE DE BECK DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	Respostas	
	n	%
Sexo		
Feminino	256	68,30
Masculino	119	31,70
Teve formigamento ou dormência?		
Absolutamente não.	272	72,5
Levemente.	73	19,5
Moderadamente, pude suportar.	27	7,2
Gravemente, difícil suportar.	3	0,8
Teve sensação de calor sem motivo?		
Absolutamente não.	256	68,3
Levemente.	80	21,3
Moderadamente, pude suportar.	38	10,1
Gravemente, difícil suportar.	1	0,3
Teve tremores nas pernas?		
Absolutamente não.	249	66,4
Levemente.	80	21,3
Moderadamente, pude suportar.	40	10,7
Gravemente, difícil suportar.	6	1,6
Foi incapaz de relaxar?		
Absolutamente não.	81	21,6
Levemente.	134	35,7
Moderadamente, pude suportar.	141	37,6
Gravemente, difícil suportar.	19	5,1
Teve medo que acontecesse o pior?		
Absolutamente não.	30	8,0
Levemente.	95	25,3
Moderadamente, pude suportar.	195	52,0
Gravemente, difícil suportar.	55	14,7
Se sentiu atordoado ou tonto?		
Absolutamente não.	182	48,5

Levemente.	115	30,7
Moderadamente, pude suportar.	68	18,1
Gravemente, difícil suportar.	10	2,7
Teve palpitação ou aceleração cardíaca?		
Absolutamente não.	134	35,7
Levemente.	110	29,3
Moderadamente, pude suportar.	108	28,8
Gravemente, difícil suportar.	23	6,1
Se sentiu sem equilíbrio?		
Absolutamente não.	242	64,5
Levemente.	79	21,1
Moderadamente, pude suportar.	43	11,5
Gravemente, difícil suportar.	11	2,9
Se sentiu aterrorizado?		
Absolutamente não.	94	25,1
Levemente.	123	32,8
Moderadamente, pude suportar.	128	34,1
Gravemente, difícil suportar.	30	8,0
Se sentiu nervoso?		
Absolutamente não.	37	9,9
Levemente.	117	31,2
Moderadamente, pude suportar.	171	45,6
Gravemente, difícil suportar.	50	13,3
Teve sentimento de sufocação?		
Absolutamente não.	176	46,9
Levemente.	80	21,3
Moderadamente, pude suportar.	91	24,3
Gravemente, difícil suportar.	28	7,5
Teve tremores nas mãos?		
Absolutamente não.	284	75,7
Levemente.	58	15,5
Moderadamente, pude suportar.	30	8,0
Gravemente, difícil suportar.	3	0,8
Se sentiu trêmulo no geral?		
Absolutamente não.	277	73,9
Levemente.	65	17,3
Moderadamente, pude suportar.	29	7,7
Gravemente, difícil suportar.	4	1,1
Teve medo de perder o controle?		
Absolutamente não.	158	42,1
Levemente.	104	27,7
Moderadamente, pude suportar.	90	24,1
Gravemente, difícil suportar.	23	6,1
Teve dificuldade de respirar/dispneia?		
Absolutamente não.	200	53,3
Levemente.	90	24,0
Moderadamente, pude suportar.	73	19,5
Gravemente, difícil suportar.	12	3,2
Teve medo de morrer?		
Absolutamente não.	132	35,2
Levemente.	104	27,7
Moderadamente, pude suportar.	115	30,7

Gravemente, difícil suportar.	24	6,4
Se sentiu assustado?		
Absolutamente não.	44	11,7
Levemente.	113	30,1
Moderadamente, pude suportar.	180	48,0
Gravemente, difícil suportar.	38	10,1
Teve indigestão ou desconforto abdominal?		
Absolutamente não.	216	57,6
Levemente.	85	22,7
Moderadamente, pude suportar.	64	17,1
Gravemente, difícil suportar.	10	2,7
Teve sensação de desmaio?		
Absolutamente não.	303	80,8
Levemente.	46	12,4
Moderadamente, pude suportar.	24	6,4
Gravemente, difícil suportar.	2	0,5
Ficou com o rosto avermelhado sem motivo?		
Absolutamente não.	295	78,7
Levemente.	53	14,1
Moderadamente, pude suportar.	24	6,4
Gravemente, difícil suportar.	3	0,8
Teve suor (não devido ao calor)?		
Absolutamente não.	260	69,3
Levemente.	68	18,1
Moderadamente, pude suportar.	45	12,0
Gravemente, difícil suportar.	2	0,5

O presente estudo constatou que durante a pandemia, entre os estudantes que responderam ao questionário, foram observadas as seguintes prevalências de sintomas: desmaio (19,2%), rosto vermelho sem motivo (21,3%), tremores nas mãos (24,3%), tremor generalizado (26,1%), dormência ou formigamento (27,5%), suor sem motivo (30,7%), sensação de calor sem motivo (31,7%), tremores nas pernas (33,6%), falta de equilíbrio (35,5%), indigestão (42,4%), dificuldade de respirar (46,7%), atordoamento ou tontura (51,5%), medo de perder o controle (57,9%), e aceleração cardíaca (64,3%). Sendo de maior predominância nessas variáveis a resposta levemente, não me incomodou muito.

Em destaque, as seguintes variáveis podem ser citadas: medo que acontecesse o pior (92%), sensação de nervosismo (90,01%), sentimento de estar assustado (88,3%), sensação de terror (74,9%), medo de morrer (64,8%) e sensação de sufocação (53,1%). Em todas as variáveis, predominou a resposta de sentimento moderado, porém suportável. Vale ressaltar que a pergunta "Medo que acontecesse o pior" obteve a maior proporção de respostas classificadas como "gravemente difícil de suportar", totalizando 14,7% das respostas.

No estudo de Carolina Rocha et al., onde o inventário de ansiedade de Beck foi utilizado como um dos questionários para avaliar sintomas depressivos e ansiosos e a qualidade de vida em profissionais da saúde, tem-se que quanto maiores os escores de ansiedade e de depressão, menores os escores de qualidade de vida. Portanto pode-se presumir que durante a pandemia houve interferência na qualidade de vida dos estudantes que relataram os sintomas do inventário de Beck.

Conforme os achados da meta-análise realizada por Wenzhen Li et al., constatou-se, por meio do inventário de Beck, uma maior ocorrência de ansiedade entre estudantes de medicina universitária em países de renda média. Além disso, verificou-se um aumento na prevalência de sintomas de depressão e ansiedade em estudos conduzidos após o surgimento da pandemia de COVID-19. Diante desses resultados, é possível considerar que os sintomas observados nos estudantes avaliados neste estudo corroboram com as descobertas obtidas na meta-análise.

Conclusões:

O surto de COVID-19 resultou em aumento considerável dos sintomas de ansiedade entre a população de estudantes. Em destaque, as variáveis com maior prevalência entre os estudantes foram medo que acontecesse o pior, sensação de nervosismo, sentimento de estar assustado, sensação de terror, medo de morrer e sensação de sufocação. É importante reconhecer o impacto psicológico das situações de contingência para fornecer informações que permitam estabelecer estratégias preventivas e terapêuticas.

Referências:

Global Student Survey – chegg.org- <https://www.chegg.org/global-student-survey-2022>, Acesso em 25/07/2022.

Mental Health and COVID-19: Scientific brief- Early evidence of the pandemic's impact: Scientific brief, 2 March 2022

Li, W., Zhao, Z., Chen, D., Peng, Y., & Lu, Z. (2022). Prevalence and associated factors of depression and anxiety symptoms among college students: a systematic review and meta-analysis. *Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines*, 63(11), 1222–1230. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13606>

Freitas, André Ricardo Ribas, Napimoga, Marcelo e Donalisio, Maria Rita. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde* [online]. v. 29, n. 2 [Acessado 1

Mai 2022], e2020119. Disponível em: . ISSN 2237-9622. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000200008>.

LEPPICH, Carolina Rocha; NUNES, Demétrius Paiva e SOUZA, Fernanda Pasquoto de. Sintomas depressivos e ansiosos e a qualidade de vida em profissionais da saúde durante a pandemia da COVID-19. *Aletheia* [online]. 2022, vol.55, n.1 [citado 2023-07-01], pp. 105-132 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942022000100007&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1413-0394. <http://dx.doi.org/10.29327/226091.55.1-6>.

FOMENTO:

Esta pesquisa fora realizada por meio da bolsa de pesquisa PIBIC, com recursos oriundos do CNPQ, em apoio com a Universidade do Sul de Santa Catarina.

PROTOCOLO CEP

Esse projeto foi aprovado pelo CEP, sob parecer 5.813.695, no dia 14 de dezembro de 2022.

